

UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP
CURSO DE PSICOLOGIA
ROSA MARIA BITENCOURT

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL E COGNITIVO NA INFÂNCIA**

CAÇADOR
2018

ROSA MARIA BITENCOURT

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO
EMOCIONAL E COGNITIVO NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, do Curso de Psicologia, ministrado pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP, sob orientação da professora Madaline Ficagna Roveda.

**CAÇADOR
2018**

Dedicado à:

Abenino Ferreira de Bitencourt

Meu grande amigo e exemplo de honra e honestidade; e
Reni Aparecida Rodrigues da Silva Bitencourt - In memoria

Por todos os anos de convivência,

Por ser minha maior incentivadora

Por me ensinar o que é o amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por me proporcionarem uma base segura. Gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica de cada um de vocês levarei ensinamentos que pretendo manter como referência para minha atuação profissional. Porém agradeço especialmente a minha orientadora Madaline Ficagna Roveda, pelas risadas e principalmente por não me deixar desistir. Agradeço a coordenadora Ana Cláudia Lawless, pelos anos de convivência, por sua sensibilidade sem tamanho.

Agradeço a todas as colegas pelos anos de convivência, pelos risos e angustias compartilhados, especialmente a Nicolly Cury e Natiele Santin de Moura, pelo apoio incondicional nos últimos meses, vocês bem sabem que amigos são como reguladores da psique. Agradeço a meu namorado e amigo Juliano Antunes de Lima, por me ajudar a enfrentar as tempestades da vida, dias melhores virão para todos nós. Agradeço a todos que de uma maneira ou de outra estivera ao meu lado.

“Como fica forte uma pessoa quando
está segura de ser amada!”

Sigmund Freud

RESUMO

A realização da pesquisa teve como objetivo investigar a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Para a obtenção de dados sobre o tema utilizou-se a pesquisa bibliográfica qualitativa. Foram levantados dados sobre as fases do desenvolvimento emocional, os processos de formação dos vínculos afetivos, as funções familiares no desenvolvimento de vínculos, a importância da ambivalência para o desenvolvimento da personalidade e as consequências de falhas na formação e manutenção dos vínculos afetivos. Com o intuito de descrever a importância dos vínculos analisar e correlacionar os principais tipos de vínculos afetivos e sua necessidade para o desenvolvimento infantil. A elaboração da pesquisa nos levou a comprovar com base em diversos autores, que de fato os vínculos afetivos são importantes para o desenvolvimento infantil, bem como para as futuras interações, que o indivíduo realizará em sua vida. A formação de vinculação afetiva, mostrou-se durante nossas pesquisas de grande valia para o desenvolvimento saudável ou patológico da personalidade, uma vez que dependendo do grau de disfuncionalidade que os vínculos foram estabelecidos, ou o rompimento dos mesmos, irão afetar o relacionamento interpessoal e o funcionamento social dos indivíduos que tiveram falhas em seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Palavras-chave: Vínculos afetivos, desenvolvimento, infância, personalidade.

ABSTRACT

The purpose of the research was to investigate the importance of the affective bond for the emotional and cognitive development of the child. To obtain data on the subject we used qualitative bibliographic research. Data were collected on the stages of emotional development, the processes of formation of affective bonds, family functions in the development of bonds, the importance of ambivalence for the development of personality and the consequences of failures in the formation and maintenance of affective bonds. In order to describe the importance of the links analyze and correlate the main types of affective bonds and their need for child development. The elaboration of the research led us to prove based on several authors, that in fact the affective bonds are important for the development of children, as well as for the future interactions, that the individual will realize in their life. The formation of affective attachment, has proved during our research of great value for the healthy or pathological development of the personality, since depending on the degree of dysfunctionality that the bonds were established, or the disruption of the same, will affect the interpersonal relationship and the social functioning of individuals who had failures in their cognitive and emotional development.

Key words: Affective bonds, development, childhood, personality.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1.1 Desenvolvimento Emocional na Infância.....	13
2.1.2 Processo de Formação de Vínculos.....	16
2.1.3 A Função da Família na Formação dos Vínculos.....	18
2.1.3.1 A função materna.....	20
2.1.3.2 A função paterna.....	23
2.1.4 Vínculos Afetivos e a Ambivalência Entre Amor e Ódio.....	24
2.1.5 Falhas na Formação e Manutenção dos Vínculos Afetivos.....	28
2.1.5.1 Repercussão na vida adulta de uma formação de vínculos disfuncionais.....	30
2.2 METODOLOGIA.....	33
2.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	33
3. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	

1-INTRODUÇÃO

A vinculação afetiva, é um importante fator no desenvolvimento infantil, os afetos dispensados a criança em formação, servirão como a base relacional para sua vida adulta. Um vínculo afetivo pode ser definido como “Um laço relativamente durável em que o parceiro é importante como um indivíduo único e não pode ser trocado por nenhum outro” (AINSWORTH, apud BEE, 1996, p.313).

Os vínculos afetivos estarão presentes durante toda a vida do indivíduo. Posto que “A qualidade dos vínculos em todas as situações de relacionamentos é que determinará a qualidade de vida de cada pessoa em particular. ” (ZIMERMAN, p.26, 2010). Partindo deste pressuposto, pode-se inferir a importância de uma vinculação afetiva adequada e funcional permitindo ao indivíduo, ajustamento social, desenvolvimento emocional e psicológico.

A afetividade, compreende as modalidades afetivas como, o humor, os sentimentos e as emoções, é a dimensão psíquica responsável por dar calor e luz as nossas vivências, sem a afetividade, a vida mental de qualquer indivíduo, torna-se débil e extenuante. (DALGALARRONDO, 2008).

Os seres humanos assim como outros animais possuem uma necessidade intrínseca de pertencer, de sentir segurança e estar protegido, quando observamos tais necessidades a luz da vinculação afetiva, percebemos que ela possui uma característica de sobrevivência, tendo ela um sentido amplo, que abrange o suprimento de necessidades não apenas físicas, mais emocionais, sociais e psicológicas. Em função disso BOWLBY, 1997, p.99, ressalta que:

É muito provável que uma capacidade de vinculação tenha um valor de sobrevivência para uma espécie [...]. É comprovadamente produtivo considerar muitos distúrbios psiconeuróticos e da personalidade nos seres humanos como um reflexo de um distúrbio da capacidade para estabelecer vínculos afetivos, em virtude de uma falha no desenvolvimento na infância ou de um transtorno subsequente.

Embora os vínculos afetivos possam ser considerados inatos, uma vez que são necessários para a sobrevivência, os mesmos precisam ser desenvolvidos e estimulados, para que o indivíduo tenha um ajustamento biopsicossocial adequado. Por outro lado, a falha na formação dos vinculo ou seu posterior rompimento podem resultar em problemas na interação social, nas relações interpessoais e intrapessoais.

Pois os vínculos afetivos são o nosso meio de ligação com o mundo, seja ele, o mundo que nos circunda, ou o mundo que habitamos internamente.

A evolução humana que levou o homem primitivo a sair das cavernas e procurar o convívio com outros seres humanos, pode ser considerado o início da criação de regras sociais, e maneiras de interação entre as pessoas, iniciando um processo ainda que rudimentar de vinculação afetiva.

A convivência em família, em meio a comunidades, que mais tarde se tornaria o que chamamos atualmente de sociedade, foram de grande valia para a sobrevivência do homem, não apenas biologicamente, mais inclusive foi fator determinante na sobrevivência e evolução psicológica do homem primitivo até os dias atuais. Podemos compreender com base em WINNICOTT, 2001, p.59, que “[...] a família é um dado essencial de nossa civilização. O modo pelo qual organizamos nossas famílias demonstra na prática o que é a nossa cultura”. Como célula básica da sociedade a família nunca deixa de existir, e para o indivíduo nunca perderá sua importância.

Considerando os conceitos sobre os vínculos afetivos, foi produzida pesquisa para responder a seguinte questão: Qual a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança? As respostas foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica sobre os vínculos afetivos e sua importância, o papel da família e dos genitores, e sobre as consequências de falhas no processo de vinculação afetiva. Sendo os mesmos, necessários para a formação do indivíduo, uma vez que seria quase impossível falar de desenvolvimento emocional e social sem tocar na formação de vínculos afetivos, indispensáveis para todas as pessoas.

Os vínculos são necessários pois é por meio deles que estabelecemos contato com o mundo que nós cerca, com as pessoas e também com as partes da nossa psique. São eles, nos serviram como base relacional, para as interações que vamos estabelecer com outras pessoas, quando os processos de vinculação acontecem sem grandes problemas, sem falhas ou rompimentos com as figuras de apego, a criança, tende a se tornar um adulto que conseguiu estabelecer relações interpessoais com facilidade, o contrário também é possível, muito provavelmente pessoas com um convívio social dificultoso, que demonstram dificuldades de relacionamento tiveram durante a infância alguma falha na formação ou manutenção dos vínculos afetivos.

Vivemos em uma época de busca por respostas imediatas, de verdades absolutas, onde cada vez mais passamos a tratar o outro como algo descartável, o

século XXI, trouxe consigo muitas inovações e tecnologias, trouxe também o tempo da incompreensão, do julgamento, estamos vivendo mais, porém a cada dia estamos mais sozinhos. Talvez nós, falte vinculação, falte sentir-se seguro na presença de outrem, falte sentir-se bem na própria presença, o estudo da formação vincular, pode nos proporcionar respostas, no tocante ao desenvolvimento do indivíduo, de sua personalidade e modelo de funcionamento psíquico, auxiliando nós a entender tempos tão complexos.

Na prática clínica a investigação da formação dos vínculos afetivos, é de grande valia, uma vez que, ao compreender de que maneira cada paciente se vincula aos demais e ao mundo, é possível analisar, onde e se houveram falhas na vinculação podendo auxiliar o indivíduo na elaboração de seus conflitos. Pesquisar como se formam os vínculos afetivos auxilia, no atendimento individual, familiar e grupal, pois assim, poderemos guiar nosso paciente, num processo de autoconhecimento, buscando assim a causa de seus sintomas, facilitando o processo psicoterapêutico.

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo na infância. Tendo como objetivos específicos: Pesquisar as fases do desenvolvimento para que com isso sejam analisados os processos de formação dos vínculos afetivos. Descrever a importância dos vínculos no intuito de analisar e correlacionar os principais tipos de vínculos afetivos. Analisar e compilar os dados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, sendo utilizados para sua realização materiais físicos como livros e revistas e materiais eletrônicos, como artigos publicados em sites científicos. Este estudo foi realizado obedecendo aos princípios éticos e legais conforme previsto pela instituição acadêmica Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe e de acordo com os parâmetros do curso de Psicologia. Para a realização deste trabalho foi feito um levantamento de bibliografias, as quais continham os assuntos necessários para a formulação do mesmo.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Na opinião de Aristóteles (2007, p.56) “o homem, por natureza, é um animal político (isto é, destinado a viver em sociedade), [...] por sua natureza e não por mero acidente”. Não foi obra do destino que o homem ainda na antiguidade e até mesmo na pré-história, passou a viver em sociedade, além das vantagens referentes a sobrevivência da espécie, conviver com semelhantes possibilitou a cada civilização, a construção de uma cultura, e a cada indivíduo a possibilidade de pertencer, de integrar-se, de verdadeiramente ser humano.

A explicação de Aristóteles aponta para o fato de haver na natureza humana uma tendência a viver em sociedade e que ao realizar esta inclinação o homem realiza o seu próprio bem. Quer dizer, se vivemos em sociedade é porque esta é a finalidade do ser humano. AMES, 2006, p.1

Estamos destinados a viver em sociedade, pois somente nela as características humanas podem ser observadas; o que difere o ser humano de outros animais é a sua capacidade de organizar-se em comunidades, mais do que uma capacidade inerente do homem a convivência em sociedade, pode ser analisada ao longo da história como uma necessidade. Para Ames (2006, p.1) “Pode-se, portanto, dizer que a vida política é para o homem a melhor das vidas possíveis. Um homem vivendo em sociedade está no seu lugar na hierarquia dos seres”.

Conforme Sorokin (1968, p.572) “O Homo sapiens surgiu como um animal social e como tal tem continuado vivendo em grupos, porque esse tipo de vida se revelou muito mais vantajoso para a espécie do que a vida de indivíduos isolados”. As vantagens mais óbvias da vivência em grupo, são as relacionadas a sobrevivência da espécie, maior facilidade para manter-se protegido e seguro; mas além das vantagens ligadas a sobrevivência biológica, teria o homem desde os primórdios, percebido as vantagens afetivas de conviver em sociedade?

A história da humanidade, está pautada na capacidade do homem, para conviver e organizar-se em sociedade, uma vez que “Nem biologicamente, nem de qualquer outra forma, é o indivíduo humano autossuficiente”. (SOROKIN, 1968, p.572). Biologicamente os seres humanos necessitam da proteção de outros ao

nascer, período que se estende durante os primeiros anos da infância, porém podemos inferir, que nem psicologicamente seria saudável e possível o desenvolvimento humano, sem a convivência afetiva e social.

Em sua obra Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Jean-Jacques Rousseau, discorre sobre como foi o desenvolvimento do homem, passando de uma vida selvagem, para a civilização, e o surgimento da desigualdade, porém iremos nos ater, a sua descrição do homem, e como surgiram as primeiras interações humanas em sociedade.

A ideia trazida por Rousseau, é de que os homens podem ter evoluído, e se aproximado não apenas por sobrevivência, mais por serem seres sensíveis, capaz por sua vez de reconhecer que também existem outros seres sensíveis como ele, o que nos leva a hipótese de que a espécie humana, procurou o convívio em sociedade, não apenas para matar a fome, a sede ou para se proteger dos predadores, mais também por sua necessidade inerente de dar e receber afeto. Para Rousseau (2013, p.86):

À medida que as ideias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a se domesticar, as ligações se estendem e os laços se estreitam. Os homens passam a se reunir diante das cabanas ou em volta de uma grande árvore.

A organização do homem em sociedade, possibilitou o estreitamento dos laços, das ligações, a proximidade em si e, poderíamos dizer que posteriormente este fato, contribuiu para a estruturação do que atualmente nomeamos de vínculos afetivos, teriam os sentimentos e as sensações, precedido a razão na escala de evolução do homem? Se considerarmos o instinto de autopreservação, podemos responder à pergunta de maneira afirmativa, uma vez que nós e dolorosa a simples ideia de sofrimento, consideremos também, que o homem desde o princípio da história, sintasse impelido a proteção de si mesmo e dos seus semelhantes, sendo acometido por uma aversão espontânea ao ver sofrer outros seres. (ROUSSEAU, 2013).

Os primeiros progressos do coração foram o efeito de uma situação nova em que reunia numa habitação comum os maridos as mulheres, os pais e os filhos; o habito de viver juntos fez nascer os mais doces sentimentos que os homens conhecem, o amor conjugal e o amor paterno. Cada família tornou-se uma pequena sociedade, tanto mais unida quanto a afeição recíproca e a liberdade eram seus únicos laços. (ROUSSEAU, 2013, p.84)

A convivência social, iniciou-se pela convivência familiar, ao perceber que seria mais vantajoso, manter-se próximos, os homens passaram a ter prazer na convivência, tinham quem lhes fizesse companhia durante o rigor do inferno, com quem dividir suas derrotas e suas conquistas, não mais estavam juntos apenas pela sobrevivência, passaram a dividir a cabana, por gostarem de estar próximos, por estarem vinculados, inicialmente pela sobrevivência física, porém com a evolução da espécie, começam a desenvolver relações, vinculadas ao prazer, e a gratificação psíquica em ser caro a seus semelhantes.

A vida em sociedade foi sem dúvida vantajosa para a preservação da espécie, mas foi também de grande valia para a evolução humana, seja ela intelectual ou afetiva, o homem ao ser capaz de assimilar situações passadas com as presentes, passa a se adaptar com mais facilidade, e aprendendo a observar o que sente, e situações que lhe agradam daquelas que causam desprazer, podemos inferir, que o convívio social, proporciona um esquema afetivo, relativamente estável, construído por meio da assimilação de experiências. FARIAS, 2002.

A criação da vida social, e da convivência em família, possibilitou o início da formação de culturas sociais diversas, mais também o desenvolvimento de culturas familiares, cada família, passa a construir seus valores, seus afetos, fantasias, crenças e preconceitos, que foram transmitidos por anos dentro de cada sistema familiar. (ALMEIDA, 2008). Como os vínculos afetivos são estabelecidos pela interação de pessoas, o primeiro ambiente onde todos os seres humanos, iniciam seu desenvolvimento emocional ainda na infância, é a ambiente familiar, que servirá de base relacional para a vida adulta, e a convivência em sociedade.

2.1.1 Desenvolvimento Emocional na Infância

O desenvolvimento emocional na infância, passar por muitas fases, ainda nos primeiros meses de vida o bebê aprende a diferenciar uma figura de apego, função que normalmente é ocupado pela mãe, seja ela a mãe biológica, ou outra pessoa que desempenhe os cuidados maternos, e passa a demonstrar prazer por estar na companhia desta figura. BOWLBY, 1997.

Vale ressaltar que, segundo BEE, p.313, 1996, que:

Um apego é uma subvariedade do vínculo emocional em que o senso de segurança de uma pessoa está estritamente ligado ao relacionamento.

Quando você está apegado, sente (ou deveria sentir) um sentimento especial de segurança e conforto na presença do outro.

O senso de segurança, proporcionado pelo apego, é um fator importante para o desenvolvimento dos vínculos afetivos, sentir-se seguro, proporciona ao bebê as referências de confiança, que auxiliaram no crescimento efetivo durante a infância.

O bebê necessita sentir-se apegado a uma figura, para que inicie seu processo de vinculação afetiva, a maneira como este vínculo será desenvolvido, poderá influenciar os vínculos futuros que ele irá estabelecer com os demais familiares e pessoas próximas. Quando os cuidados com o bebê são realizados de forma adequada, o mesmo irá desenvolver o que chamamos de confiança básica, que consiste na certeza que o bebê possui de que suas necessidades serão atendidas, uma vez que sejam manifestadas, a desenvolvimento da confiança básica, irá com o tempo proporcionar a criança, uma base segura, que lhe permitirá explorar o mundo circundante, sabendo que poderá contar com o apoio das figuras a que se encontra vinculada. CÓRIA-SABINI, 1998.

Nesse sentido ressaltamos que:

A criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, esse modelo internalizado permite a criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente e explorar sua liberdade. Desse modo, cada indivíduo forma um 'projeto' interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego. (DALBEM, DELL'AGLIO, p.15, 2005).

Por esse motivo os primeiros meses de vida do bebê são fundamentais para seu desenvolvimento, físico, cognitivo e emocional, a teoria da vinculação afetiva para FERREIRA, PINHO, 2010, p.2:

[...] contribui para a compreensão da origem do desenvolvimento dos padrões de relacionamento que se estabelecem ao longo de todo o desenvolvimento, dando particular valor a primeira relação que a criança estabelece na infância com as figuras de vinculação. A pessoa mais próxima do bebê assume geralmente o papel de figura de vinculação, na medida em que proporciona a segurança e a proteção necessárias nomeadamente para a exploração do meio.

A formação dos vínculos afetivos irá repercutir por toda a vida do indivíduo, sendo assim é imprescindível que as figuras de vinculação, proporcionem a criança, um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, lhe garantindo segurança para

explorar o mundo, sabendo que contará com o apoio de seus cuidadores. Um clima emocional estável, proporcionará ao bebê, não apenas prazer, bem como confiança, auxiliando assim a capacidade inerente da criança de desenvolver uma personalidade segura. CÓRIA-SABINI, 1998.

As crianças que cresceram em um ambiente que estimulou seu desenvolvimento emocional, tendem a tornarem-se adultos, com boa capacidade de vinculação afetiva, vivenciando seus afetos de maneira saudável e madura. Em função disso, NERY, p.21, 2003 postula que: “O aprendizado emocional resulta, [...] na nossa modalidade vincular afetiva com o mundo, que se constituirá no modo peculiar de desempenho de nossos papéis em cada vínculo que estabelecemos”.

O bebê nasce num estado de neotenia, isto é, nasce prematuramente, no sentido de que apresenta, em relação a qualquer espécie do reino animal, uma prolongada deficiência de maturação neurológica, motora, que o deixa em um estado de absoluta dependência e desamparo. (ZIMERMAN, 1999, p.90)

O bebê humano como descrito a cima por Zimerman, necessita de cuidados constantes para sobreviver aos primeiros anos de vida, considerando o nascimento e o estado de dependência dos recém-nascidos, podemos considerar que a sociedade e o ambiente familiar irão servir como o útero, onde está nova vida completará sua maturação de maneira gradativa e com o auxílio dos cuidadores.

A vida afetiva e a vida social, como formas de adaptação, apoiam-se numa assimilação contínua de situações presentes a situações anteriores. Essa assimilação é responsável pela existência de esquemas afetivos, isto é, de maneira relativamente estáveis de sentir e reagir com relação aos outros. (FARIA, 2002, p.8)

A formação dos vínculos afetivos, indiscutivelmente repercute da interação social do bebe com o mundo a sua volta, sendo que as primeiras interações que irá realizar, serão com os familiares, constituindo assim o primeiro núcleo de interação social da criança e conseqüentemente de interações afetivas. Outro fator importante na formação dos vínculos é a estabilidade com que as interações afetivas acontecem, quanto mais estáveis, maior será a probabilidade, de que a criança desenvolva, uma base segura.

[...] a mãe pode ser considerada como a fornecedora de uma base segura a partir da qual a criança fará suas explorações, e à qual regressará, sobretudo

quando se cansar ou se assustar. No restante de sua vida, a pessoa é suscetível de manifestar o mesmo padrão de comportamento, afastando-se cada vez mais e por períodos cada vez maiores daqueles a quem ama, ainda que mantendo sempre o contato e regressando, mais cedo ou mais tarde". BOLWBY, 1997, p.175

A responsabilidade atribuída a mãe na formação dos vínculos afetivos, se dá por ser ela a primeira figura de apego da criança, o que a torna uma das principais responsáveis por proporcionar uma base segura, quando essa foi bem elaborada na infância, o indivíduo se sentirá seguro, para explorar o mundo, pois sabe que poderá retornar a uma base, (normalmente a família) que irá o acolher caso necessite.

2.1.2 Processo de Formação de Vínculos

O vínculo afetivo, resulta da interação entre indivíduos, interação esta que resulta em uma relação, onde os envolvidos são afetados mutuamente. Mas nem sempre o resultado de uma interação, resultará em afeto positivo, ou um uma vinculação funcional, de onde surgem as mais variadas formas de vínculos. Podemos assim conceitualizar o processo de vinculação afetiva, como um processo dinâmico e cheio de nuances, que difere conforme os indivíduos se relacionam. BOWLBY 1997.

Nas palavras de PICHON-RIVIÈRE, 1991, p.49 "O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com esta pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados". Pois a vida social e familiar repercute, por várias gerações, mesmo o bebê interagindo com um número limitado de pessoas, os vínculos que irá estabelecer com estas serão sociais, pois elas possuem um funcionamento pessoal pautado no contexto familiar e social em que se encontram inseridos.

O ser humano é por natureza um ser social e, "Devido uma infância excepcionalmente longa, todo recém-nascido pereceria se não tivesse os cuidados de outros seres humanos durante um certo número de anos". (SOROKIN, 1968, p.572). Um bebê humano diferente de outros animais, não sobreviveria mais do que algumas horas sem o cuidado de um adulto.

O comportamento de quem irá desempenhar o papel de cuidador, precisa ser de disponibilidade e de capacidade, para atender as demandas vindas do bebê, agindo em um equilíbrio entre a satisfação dos desejos da criança e da frustração dos mesmos quando estes o colocarem em perigo, um vez que o mesmo não possui a

capacidade de perceber situações de risco, por esse motivo é de extrema importância que a figura de ligação, a quem o bebê encontra-se vinculado, possa realizar de maneira satisfatória o papel de protetor, e ao mesmo tempo de incentivador de novas experiências, auxiliando o bebê, a desenvolver uma base segura, no presente e em seus relacionamentos futuros. BOWLBY 1997.

Para ZIMERMAN, 2010, p.22:

A noção de vínculo também abrange a tarefa de promover a satisfação das necessidades afetivas da criança por parte da mãe, sobretudo no que tange a que ela lhe dispense um calor humano, com um autêntico e espontâneo amor, carinho, proteção, compreensão da linguagem corporal do bebê.

Os processos de formação dos vínculos afetivos podem ser entendidos de várias maneiras, uma delas é como uma relação de objeto, à qual é composta por uma estrutura particular, que tem seu próprio funcionamento, sendo assim uma estrutura dinâmica, que se mantém em movimento, a relação de objeto tende a funcionar movida por motivações psicológicas e fatores instintivos, como a necessidade de segurança e sobrevivência. PICHON-RIVIÈRE, 1991.

Na relação de objeto está implicada toda a personalidade, com seu aparelho psíquico com suas estruturas, com os dois instintos básicos descritos por Freud: a libido e a agressão, Eros e Tanatos. PICHON-RIVIÈRE, 1991, p.49. na perspectiva freudiana, a libido e a agressão estão presentes desde o nascimento, sendo a primeira responsável pela obtenção de prazer e a segunda e força motriz para reagir a tudo que possa oferecer riscos a obtenção de prazer, um vez que o bebê possui a penas o Id, seus atos, são voltados inteiramente para alcançar o que deseja, por esse motivo a jovem criança, não possui a capacidade de esperar, o que torna a função do cuidados constante, e de extrema importância, um vez que os primeiros anos de vida do bebê na ótica psicanalítica são fundamentais para o desenvolvimento de uma personalidade mais ou menos estável.

Os processos de estabelecimento dos vínculos resulta na aprendizagem de lógicas afetivas de conduta que são marcas afetivas que influenciam a cognição e a conduta (NERY , p.25, 2003), estas marcas afetivas, ficaram presentes em nossa psique em vários níveis de consciência, e irão influenciar o modo que nos relacionamos com as demais pessoas, nossa conduta propriamente dita, e o modo como funcionamos a nível cognitivo, por exemplo indivíduos que foram

sistematicamente desencorajados na infância, podem na vida adulta desenvolver, pensamentos de incapacidade ou inadequação.

Por sua vez aqueles que conviveram com cuidadores capazes de proporcionar a construção de uma base segura, tendem a demonstrar mais facilidade para desenvolver autoconfiança e autonomia na vida adulta, BOWLBY, 1997, p.146, alude que “[...] a autoconfiança e a capacidade para confiar nos outros são fruto de uma família que fornece sólido apoio à sua prole, combinando com o respeito por suas aspirações pessoais, senso de responsabilidade e aptidão para lidar com o mundo”. Uma base segura, bem como a sua ausência irão refletir por toda a vida do indivíduo, expondo assim a importância da família na formação da personalidade, dos laços afetivos, e na saúde psíquica de seus membros.

Coadunam-se com essas reflexões SCHULTZ & SCHULTZ, 2011, p.138, quando ressaltam que “[...] se a criança experimenta segurança e ausência de medo, isso é decisivo para determinar a normalidade do desenvolvimento da sua personalidade. A sua segurança depende totalmente de como os pais a tratam”. Pois são eles as primeiras figuras de ligação do bebê, ligação com o mundo, com a família e com a sociedade, a capacidade dos pais em transmitir confiança a seus filhos tende a deixar nele, como herança a confiança em si mesmos, e nos genitores, o que proporcionará a ambos um convivência familiar harmônica, com bases no respeito, na segurança e no afeto.

2.1.3 A Função da Família na Formação dos Vínculos

A família e a célula básica, dentro de uma sociedade é nela que iniciamos nosso processo de interação social e onde temos contato com as normas sociais, do ambiente onde estamos inseridos, Zimerman, 2010, p.85, sintetiza família como: “Uma unidade sistêmica que tem uma identidade característica, a qual, seguidamente, adquire o perfil transgeracional dos pais, de modo que, às vezes, a aludida identidade fica anquilosada, sempre repetindo as mesmas pausas de conduta e de valores”. A transgeracionalidade, refere-se a probabilidade de que muitas gerações de uma mesma família, tem para repetir as crenças e valores familiares que se encontra enraizados dentro do sistema da família, algumas vezes as crenças e valores do grupo familiar tendem a gerar sofrimento psíquico porque as vinculações afetivas deste grupo encontram-se prejudicadas, e aqueles que tentam romper este sistema

enfrentam grande resistência dos demais, fator que poderá influenciar a formação de um nova família.

Nas palavras de Zimerman, 1999, p.103:

“Um primeiro fator a levar-se em consideração é o transgeracionalidade, isto é, cada um dos genitores da criança mantém a internalização de suas respectivas famílias originais com os correspondentes valores, estereótipos e conflitos. Há uma forte tendência no sentido de que os conflitos não resolvidos pelos pais da criança, com seus respectivos pais originais, internalizados, [...] sejam reeditados nas pessoas dos filhos”. (ZIMERNAN, 1999, p.103)

O início de uma família, exige maturidade, do casal que deseja ter filhos para que sejam evitadas as reedições dos conflitos transgeracionais de cada genitor, evitando a projeção nos filhos de conflitos e frustrações dos pais, para que a criança cresça em um ambiente saudável, aprenda a conviver socialmente da maneira mais adequada possível e desenvolva sua personalidade, sendo capaz na vida adulta de prover a si mesmo, e estabelecer vínculos afetivos de qualidade com seus pares. Com base em BOWLBY, 1997, p.144:

[...] o quadro de uma base familiar estável, a partir do qual primeiro a criança, depois o adolescente e, finalmente o jovem adulto se afastam numa série de saídas cada vez mais longas. Embora a autonomia seja evidentemente encorajada em tais famílias, ela não é forçada. Cada passo segue o anterior, numa série de estágios acessíveis. Embora os laços familiares possam ser atenuados, nunca são quebrados.

A família servirá de base durante toda a vida do indivíduo por esse motivo deve ser, um local de incentivo e confiança durante a infância, um ambiente de abrigo, onde o indivíduo aprende a confiar nos outros, mais principalmente em si mesmo, que incentive a autoconfiança de maneira natural, sem repressões e cobranças indevidas, respeitando o tempo de exploração e descoberta do mundo de cada criança. (BOWLBY, 1997).

A família constitui o primeiro ambiente social vivenciado pelo bebê, ambiente que será responsável pelo seu pleno desenvolvimento. A chegada de um novo membro no seio familiar naturalmente irá alterar a dinâmica do mesmo, uma vez que todas as atenções se voltam para a bebê, o que o torna um agente ativo, interagindo com seus familiares e conseqüentemente criando vínculos. ZIMERMAN, 2010

Todo o ciclo familiar é importante para o desenvolvimento infantil, podemos, porém, dar destaque ao papel dos pais na formação dos vínculos afetivos, pois são eles as figuras com as quais normalmente a criança, mais interage, são as figuras de referência, e o relacionamento deles servirá de base para as interações futuras, que a criança realizará com a sociedade. Para ZIMERNAN, 1999, p.103:

A família constitui-se como um campo dinâmico no qual agem tanto os fatores conscientes quanto os inconscientes, sendo que a criança, desde o nascimento, não apenas sofre passivamente a influência dos outros, mas, reciprocamente, é também um poderoso agente ativo de modificações nos demais e na estrutura da totalidade da família.

O nascimento de uma criança, poderá ser um ponto de mutação na família, os novos pais poderão repetir as crenças e valores dos seus grupos familiares, o que tendem a gerar conflito se os dois possuírem crenças muito diferentes, ou então poderão juntos criar novas crenças para a família que estão formando. Com a chegada do bebê não apenas ocorre uma mudança física, na casa que será adaptada para recebe-lo, todos membros da família também vivencia uma mudança emocional e uma redistribuição da energia familiar, que passa por alterações de status e papeis. (D'ANDREA, 2001).

A família precisa se reorganizar para a chegada do bebê e para bem atender as demandas emocionais e físicas do bebê. É importante que a mãe encontre apoio em seus familiares para desempenhar a função materna sem estressores externos. Na opinião de D'ANDREA, 2001, p.34:

Nem sempre esta mudança de status e adoção de novos papeis é realizada confortavelmente, podendo ocasionar perturbações nas relações interpessoais que, direta ou indiretamente, repercutem na mãe e, por conseguinte, no eu relacionamento com o filho.

Os integrantes da família, precisa ter delimitados seus papeis, para que não interrompam ou atrapalhem o processo de vinculação, deixando a mãe estressada, e conseqüentemente o bebê, pois ambos se encontram em uma situação completamente nova, estranha e em alguns momentos atemorizante. Devendo ser função da família prestar apoio quando necessário.

2.1.3.1 A função materna

O modelo de vinculação afetiva, será pautado, nas relações que tivemos na nossa infância, os pais exercem um papel fundamental nesse processo de criação de vínculos, pois são as pessoas que normalmente terão mais contato com o bebê, os pais precisaram assumir verdadeiramente suas funções para que tenham uma vinculação afetiva adequada com seu bebê, nos primeiros meses porem a figura que recebe maior ênfase é a inter-relação do bebê com a mãe, seja ela biológica, ou um cuidador que desempenhe essa função, atendendo as demandas vindas do bebê, alimentando, agasalhando, dando os cuidados higiênicos necessários e principalmente amparando as angustias naturais do recém-nascido. (ZIMERMAN, 2010).

A função materna no desenvolvimento da criança, vem sendo estudado a muito tempo por diversos autores, sendo um dos nomes mais renomados o do psicanalista D. Winnicott, que construiu sua obra, estudando e elaborando teses sobre a importância da relação mãe-bebê, são dele os termos mãe suficientemente boa, *holding*, entre outros, que serão discutidos a seguir.

A importância do papel materno, se deve ao fato de que normalmente quem passará a maior parte do tempo, dedicada aos cuidados do bebê é a mãe, embora este quadro venha se alterando a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, ainda cabe a mãe em boa parte do tempo zelar pela integridade física e emocional da criança em desenvolvimento.

D. Winnicott, centrou sua ênfase na importância do meio ambiente que cerca o bebê, especialmente os cuidados da mãe real, no que tange à sua capacidade de *holding* (esta palavra deriva do verbo *to hold* que significa “sustentar”), isto é, a importância de a mãe sustentar tanto física quanto emocionalmente todas as necessidades e emoções de seu filho”. ZIMERMAN, 2010, p.50.

A mãe suficientemente boa de Winnicott, é aquela que oferece *holding*, sustentando as angustias de seu bebê, estimulando a capacidade de confiar e sentir-se seguro, sustentando todas as necessidades do filho, porém sem gratificar ou frustrar excessivamente, para que assim o bebê desenvolva de maneira sadia o seu self. ZIMERMAM, 1999.

Na opinião de WINNICOTT, 2001, p.24:

Só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa

o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um self falso.

Podemos compreender com base em Winnicott, a extrema importância do papel materno do desenvolvimento infantil, uma mãe incapaz e realizar a maternagem de maneira adequada com seu filho, seja por frustrá-lo ou gratificá-lo excessivamente, tende a apresentar um vínculo com bases patogênicas, que iram refletir na fase adulta e na maneira com que essa criança se relacionará com seus pares e com a sociedade.

À medida que a pequena criança vai se desenvolvendo, os cuidados da mãe vão se modificando, conforme as novas necessidades e desejos do seu filho, porém, o que sempre deve permanecer em um sadio vínculo mãe-bebê é a presença na mãe de uma boa capacidade de continente (isto é, a capacidade de 'conter' as eventuais angústias do bebê que ele projeta nela). ZIMERMAN, 2010, p.22

Vale ressaltar que "a noção de vínculo mãe-bebê pressupõe que não é somente o bebê quem depende maciçamente da estrutura de maternagem da mãe, visto que a mãe também depende fortemente de ser reconhecida pelo bebê". ZIMERMAN, 2010, p.22. Como o vínculo mãe-bebê, constitui normalmente o primeiro vínculo afetivo da criança, para a mãe, sentir-se amada por seu filho, reconhecida como capaz de cuidar do mesmo, proporciona o nascimento da mãe real.

O vínculo mãe-bebê inicia-se ainda na gestação, principiando com uma identificação cada vez maior da mãe com seu filho. O período gestacional, é marcado por grande ambivalência, para todos os envolvidos diretamente com a gestante, no entanto para a mulher, os sentimentos conflitantes são ainda mais intensos.

A criança é associada pela mãe à ideia de um 'objeto interno', um objeto imaginado para ser instalado dentro e aí mantido apesar de todos os elementos persecutórios que também têm lugar na situação. O bebê tem outros significados na fantasia inconsciente da mãe, mas é possível que o traço predominante nesta seja uma vontade e uma capacidade de desviar o interesse do seu próprio self para o bebê. (WINNICOTT, p.21, 2001).

A formação da personalidade infantil, receberá grande influência do vínculo estabelecido com a mãe, vínculo este que tende a repercutir por toda a vida do indivíduo, neste sentido podemos inferir a importância de uma boa maternagem, de uma mãe capaz de conter as angústias do seu bebê. Nas palavras de D'ANDREA, 2001, p.32:

“Desde os primeiros instantes de vida, o comportamento materno exerce influência na formação da personalidade da criança, mesmo sem o uso da comunicação verbal. A maneira como a mãe soluciona os problemas decorrentes de seu novo papel, expressa pelos gestos e sentimentos em relação ao filho, irá, segundo o seu resultado, provocar respostas de prazer ou desprazer no organismo infantil e isto terá um efeito duradouro na sua concepção da realidade.

O vínculo mãe-bebê configura-se como o primeiro vínculo afetivo, de nossa existência, podendo influenciar de maneira determinante para a formação da personalidade infantil, a função paterna, no entanto não pode ser relegada ao esquecimento, quando a maternagem é adequadamente realizada, a mãe permite a entrada do pai na relação, dando início a novas interações afetivas de extrema importância para o desenvolvimento do bebê.

2.1.3.2 A função paterna

A função paterna, algumas vezes tende a ficar em segundo plano, devido a multiplicidade de funções atribuídas a mãe, porém, a figura do pai, também merece atenção, pois sua presença ou ausência, influenciaram no desenvolvimento afetivo infantil e na formação da personalidade. Nas palavras de Mahler apud Zimmerman, 1999, p.107 “A ênfase que merece ser dada ao papel do pai incide no fato de que a sua presença – física e afetiva – é de fundamental importância no processo de separação-individuação referente à díade mãe-filho”. Ao pai caberá inicialmente a figura de um terceiro, que ao ser incluído na relação, irá auxiliar o bebê no processo de diferenciação, e separação materna, percebendo-se como um ser único, e não fundido a mãe como percebia nos primeiros meses de vida.

A função paterna, dará início aos vínculos sociais do bebê com outras pessoas, o pai representa a abertura da relação mãe-bebê, funcionando como delimitador, possibilitando o desenvolvimento de maneiras diferentes de sentir e demonstrar afeto, diversas daquelas vivenciadas com a figura materna. As ideias de FARIA, 2002, p.70, mostram que:

[...] se uma pessoa vive num ambiente pobre de objetos de amor, sem possibilidade de identificar pessoas que possam ser amadas de maneira diversa da própria mãe, sem ser desafiada a modificar ou acomodar seus esquemas afetivos, ela não diferenciará seu esquema afetivo. FARIA, 2002, p.70

Podemos compreender com base em Faria, a importância da função paterna para a formação do esquema afetivo infantil, pois desafia a criança, a experimentar novos relacionamentos, ampliando seu esquema afetivo, o que será importante para a convivência em sociedade, a relação paterna servirá como referência sentimental, em relações futuras.

A maneira como o vínculo entre o pai e o filho será estabelecida, poderá influenciar no comportamento infantil, frente a outras pessoas, um pai autoritário, deixa como herança em seu filho, um respeito baseado na submissão, diferentemente de um pai que exerce autoridade sob o filho quando necessário, o que lhe ensina a respeitar sem temer, e deixando na criança a sensação de segurança e confiança na figura paterna, que não frustra e nem gratifica excessivamente. (FARIA, 2002).

A função paterna é importante para o desenvolvimento infantil, sua presença física e principalmente afetiva, com a capacidade de realizar uma boa vinculação auxiliando a criança na construção de representações internas e externas do mundo, e de si própria. Podemos compreender com base em ZIMERMAN, 1999, p.107, que “As adequadas frustrações impostas pela função paterna, pela coloração de limites, reconhecimento das limitações e aceitações das diferenças, promove a necessária, embora dolorosa, passagem do princípio do prazer-desprazer para o da realidade.

Nas palavras de ZIMERMAN, 1999, p.107 a função paterna não se resume apenas a vinculação afetiva com o filho, mais também “A segurança e a estabilidade que ele dá, ou não dá, à mãe, na tarefa, por vezes árdua e extenuante, de bem educar e promover o crescimento do filho”. Quando o marido consegue dar segurança para a esposa, esta sente-se mais confiante da sua capacidade de realizar uma boa maternagem, pois sabe que contará com o apoio e a presença da figura paterna.

2.1.4 Vínculos Afetivos e a Ambivalência entre Amor e Ódio

Os vínculos afetivos possuem as mais diversas formas de interação, o que torna possível a existência, em uma mesma relação, de vínculos de amor e de ódio, ocasionando o que chamamos de ambivalência, que segundo COSTA & RIBEIRO, 2016, p.150 “está na base de um aspecto central da natureza humana: o aspecto destrutivo e, simultaneamente, construtivo dos relacionamentos e o consequente suportar da coexistência do amor e do ódio em relação a um mesmo objeto”.

A ambivalência está presente em nossa psique desde os primeiros anos de vida, as ideias de BOWLBY, 1997, p.17, mostram que “[...] é regra e não exceção, sermos impelidos por sentimentos de raiva e ódio, tanto quanto de interesse e amor, em relação a nossos pais e nossos irmãos”. O fato de em algum momento sentirmos ódio, por nossos genitores ou outras pessoas com quem convivemos intimamente, e por quem nutrimos amor, consiste em uma característica humana, neste sentido a ambivalência é importante para que possamos sentir culpa, nas palavras de BOWBOLY, 1997, p.16:

[...] a capacidade para experimentar um sentimento de culpa constitui um atributo necessário da pessoa saudável. Embora seja desagradável, como o dor física e a ansiedade, é biologicamente indispensável e constitui o preço que pagamos pelo privilégio de sermos seres humanos.

A capacidade de sentir culpa, demonstra que tudo corre bem no desenvolvimento infantil, quando a mesma consegue ser tolerada, corrobora com o saudável desenvolvimento da psique, o excesso de culpa, no entanto pode ser prejudicial, uma vez que, deixa na criança a impressão de sempre precisar corrigir seus comportamentos e atitudes, para conseguir aceitação dos genitores, amigos e familiares, o que poderá influenciar, os padrões de relacionamentos, e de vinculações afetivas, durante a vida adulta. Nas palavras de, COSTA & RIBEIRO, 2016, p.149 “[...] a capacidade de ambivalência, que implica tolerância dos elementos agressivos e amorosos dirigidos a cada uma das pessoas que cuidam dela. Isso implica a criação de soluções para a culpa, que depende essencialmente da sobrevivência ambiental”. Encontrar maneiras de conviver com a ambivalência, consiste em uma característica necessária, para a sobrevivência ambiental e social do indivíduo. Contudo, ressalta OAKLANDER, 1980, p.305que:

A criança que desenvolveu o hábito de evitar a culpa tentando nunca fazer nada errado precisa de ajuda para separar-se das outras pessoas que participam da sua vida. Precisa de ajuda para descobrir quem ela é, quais suas necessidades, quais suas vontades.

A capacidade dos cuidadores em proporcionar segurança a criança, será fundamental para que ela consiga regular seus conflitos internos entre o amor e o ódio de maneira adequada. Na opinião de BOWLBY, p.16, 1997:

[...] um critério principal para se julgar o valor de diferentes procedimentos nos cuidados com a criança reside nos efeitos, benéficos ou adversos, que eles têm sobre a capacidade em desenvolvimento de uma criança para regulação do conflito de amor e ódio, e, através disso, a capacidade para sentir de um modo saudável sua ansiedade e sua culpa.

Quando o indivíduo viveu em um ambiente que ofereceu a segurança necessária, para que pudesse expressar seus sentimentos e sensações, tende a se desenvolver sem grandes dificuldades, conseguindo conviver com a sua culpa, sua ansiedade, seu ódio e seu amor, adquirindo uma personalidade madura, vivenciando seus vínculos afetivos inteiramente, sendo conhecedor de suas limitações e falhas, mais também de suas qualidades, disposto a viver todos os aspectos que lhe tornam um ser humano.

Dentre os muitos vínculos existentes o do amor, é um dos mais importantes para a regulação da psique, sem que esqueçamos também do seu oponente o ódio, porém quando tratamos de vínculos nem o amor, nem o ódio são sentimentos que podem ser pensados de maneira distante, pois é normal que estabeleçamos vínculos de amor e ódio em uma mesma relação. NERY, p.39, 2003, nas suas palavras diz que “A busca do amor é a busca da homeostase psíquica que traz o sentido a existência. A conquista do amor torna-se a motivação básica da conduta humana e do estabelecimento dos vínculos”. Passada a fase onde, a vinculação afetiva direciona a um objeto de amor, que se encerra na relação mãe-bebê, a criança passa a construir vínculos com as demais pessoas de seu convívio, buscando o equilíbrio a satisfação, ficando naturalmente mais confortável na presença daqueles que lhe inspiram confiança e amor.

O vínculo do amor, é importante para o desenvolvimento psíquico, na infância este vínculo é importante para a construção de confiança básica, tão necessária para que a criança explore o mundo que a cerca, aprenda e evolua emocionalmente. Na opinião de NERY, 2003, p.39:

O aprendizado emocional tem o amor como o norteador das vivências afetivas, porque ele é a base da existência do ser, por ser uma força de atração, um impulso à vida. A carga afetiva do amor é a responsável pela integração psíquica, que promove a atualização das potencialidades do ser no desempenho dos papéis.

O amor tende a ser a força psíquica que nos movimenta a realizar nossas potencialidades, as experiências emocionais que tivemos no passado, tendem a nos

orientar na vida adulta, moldando nossos sentimentos e nossa personalidade, a importância de uma “mãe suficientemente boa” reside no fato, de que sendo a relação mãe-bebê, o primeiro vínculo afetivo que estabelecemos com o mundo, será ele quem guiará, as futuras assimilações amorosas, os comportamentos e emoções mais profundos da psique. (FARIA, 2002).

Contudo, ressalta WINNICOTT, 2001, p.87 que:

É impossível amar de modo livre, e pleno sem ter ideias destrutivas. A aquisição de um sentimento de culpa com relação a essas ideias e impulsos destrutivos que acompanham o amor é seguida pelo impulso de dar e reparar, e de amar de maneira mais adulta.

O que nos lembra da importância da ambivalência, e do vínculo normalmente oposto ao amor o vínculo do ódio, que não costuma ser tão celebrado como o do amor, porém conforme ZIMERMAN, 2010, p.89 “O sentimento de ódio, com os respectivos vínculos, é representado desde a existência da história da humanidade, com evidências na mitologia, na bíblia, na historiografia das guerras, em certas ideologias políticas[...]”. O ódio é um sentimento comum a todos os seres humanos, sua expressão por meio da raiva, pode ser considerada uma reação normal e algo que nos cause desagrado, uma educação emocional poderia encontrar meios de aceitar e expressar a raiva de maneira mais honesta, porém este sentimento possui uma estima social, não apenas ele, somos desencorajados pelo meio social a expressar qualquer emoção, que cause desconforto, ou desprazer, somos ensinados desde a infância a camuflar sentimentos, talvez por esse motivo, cada vez mais pessoas adoecem afetivamente, pois são desencorajadas a sentir. (OAKLANDER, 1980).

Porém o vínculo do ódio também é indispensável para o desenvolvimento saudável na infância e pode ser observado como uma expressão, de que sua psique está em pleno desenvolvimento, cabe aos cuidadores no entretanto, auxiliar a criança, na expressão desde vínculo, sem a punir ou desvalidar as emoções infantis. No pensamento de COSTA & RIBEIRO, 2016, p.146: “as crianças só expressam ódio se já puderem ter experimentado a construção criativa, baseada na confiança do relacionamento que resiste às mudanças de humor”. É preciso que os genitores, ou quem exerçam a função de cuidados, demonstrem a capacidade de conter as angustias

infantis e seus ataques de raiva, como palavrões, birras, e ataques verbais, sem desmerecer a emoção sentida pela criança.

Conforme ZIMERMAN, 2010, p.92:

Ninguém contesta que o amor e o ódio são inseparáveis, embora a presença de um deles possa prevalecer, de longe, sobre o outro, mas ambos, acionados por algum estímulo interno ou externo, podem sofrer transformações, pequenas ou grandes e, assim, muitas vezes, elas se complementam.

Quando analisamos amor e ódio à luz da vinculação afetiva, podemos compreender a necessidade de ambos para o desenvolvimento da personalidade infantil, e para o restante da vida adulta, e que um desenvolvimento saudável, não significa falta de ambivalência, e sim a capacidade de conviver de maneira harmônica com sentimentos e sensações ambivalentes.

2.1.5 Falhas na Formação e Manutenção dos Vínculos Afetivos

No pensamento de NERY, p.18, 2003: “Os vínculos que estabelecemos nos despertam para a experiência emocional neles contida. É essa experiência que lhe dá autenticidade e o aquecimento para a sua efetivação”. Podemos assim inferir que nossas experiências emocionais serão vinculadas, pela maneira que aconteceram, quando um vínculo é efetivado de maneira disfuncional, tenderá a permanecer falho, prejudicando potencialmente o indivíduo na sua capacidade de vinculação afetiva e em sua convivência social.

A formação dos vínculos afetivos, pode sofrer diversas falhas em seu processo de desenvolvimento, a fase inicial de formação e a maneira como é realizada a manutenção dos vínculos, irá determinar os padrões futuros de vinculação e relacionamento.

O comportamento dos pais, e de qualquer pessoa que se incumba do papel de cuidar da criança, é complementar do comportamento de ligação. A função e quem dispensa esses cuidados consiste em primeiro, estar disponível e pronto a atender quando solicitado, e, segundo, intervir judiciosamente no caso de a criança [...] estar prestes a entrar em apuro. (BOWLBY, p.175, 1997)

Os pais são as primeiras figuras de vinculação do bebê, os problemas pessoais dos cuidadores como por exemplo, separações temporárias em períodos críticos,

durante a primeira infância, doença mental de um dos genitores ou de ambos, instabilidade financeira, e até mesmo o momento do casamento em que a criança foi concebida, podem influenciar no processo de vinculação afetiva, dificuldades estas que poderão influenciar o desenvolvimento das relações primárias de apego. DALBEM, DELL'AGLIO.

Nas palavras de RAMIRES & SCHNEIDER, 2010, p.28 “[...]a capacidade do pai ou da mãe de regular seus próprios estados afetivos conflitivos e impulsos derivados permite que eles desempenhem uma função regulatória para a criança na interação”. O que nos leva a refletir, sobre a importância de boa capacidade de vinculação dos cuidadores, pois sem o controle das próprias emoções, a interação entre os genitores e o filho, acabam ficando prejudicadas, podendo ocasionar uma falha na formação dos vínculos afetivos.

A função da família no cuidado com a manutenção dos vínculos para que eles permaneçam razoavelmente estáveis e funcionais é de fundamental importância, pois segundo BOWLBY, 1997, p.175: “A base a partir de onde um adulto opera será sua família de origem, ou então uma nova base que ele criou para si mesmo. Qualquer indivíduo que não possua tal base é um ser sem raízes e intensamente solitário”. Um indivíduo, que cresceu sem uma base segura, normalmente se caracteriza por possuir vinculações afetivas vulneráveis ou inexistentes.

Nesse sentido, ressaltamos que:

[...] pessoas com apego seguro seriam possuidoras de capacidades internalizadas de autorregulação, ao contrário daquelas que suprimem o afeto, ou das que o aumentam. Situações de estresse ou um desenvolvimento insuficiente das capacidades internas de regulação do afeto fazem com que crianças mais velhas e adultos continuem monitorando a acessibilidade e a responsividade das figuras de apego (TARGET, apud RAMIRES & SCHNEIDER, 2010, p.28).

Podemos compreender, que quando os genitores não incentivam a autonomia e a autoconfiança, o indivíduo encontrará dificuldades para afastar-se do núcleo familiar e explorar o mundo, em busca de suas vontades e aspirações. Na opinião de SCHULTZ & SCHULTZ, 2011, p.138 “A principal maneira pela qual os pais enfraquecem ou impedem a segurança é mostrando falta de carinho e afeto por ela”. Os genitores precisam encontrar uma maneira de demonstrar afeto genuinamente, o que não significa que a criança não deve ser frustrada, mais sim que todos os atos paternos e maternos devem ser envolvidos em afeto e carinho autênticos.

Nas palavras de RAMIRES & SCHNEIDER, 2010, p.31:

Uma vez que o apego seguro ou inseguro tem sido associado a determinadas características da interação cuidador-criança, e a determinadas características contextuais a detecção precoce de tais dificuldades poderia permitir que fossem mobilizados os recursos necessários para sua modificação.

As falhas na formação dos vínculos afetivos, podem perdurar por toda a vida do indivíduo, como proposto por Ramires e Schneider, a identificação de vínculos disfuncionais ainda na infância, quando realizadas as necessárias mobilizações, para a reestruturação do vínculo, poderiam evitar inúmeras complicações na vida adulta, desde dificuldades simples no convívio social até mesmo o desenvolvimento de uma psicopatologia.

2.1.5.1 Repercussão na vida adulta de uma formação de vínculos disfuncionais

O psiquiatra e psicanalista inglês John Bowlby, foi um dos pesquisadores que mais se dedicou a problemática da vinculação afetiva, sua formação, manutenção e rompimento, a que em seus trabalhos recebeu a alcunha de apego. Debateremos a luz dos estudos de Bowlby e outros pesquisadores as consequências que a formação de vínculos disfuncionais ou o seu rompimento na infância, podem ocasionar na vida adulta. Nas palavras de BOWLBY, 1997, p.104: "Parece, razoavelmente certo que, em numeroso grupo de pacientes psiquiátricos, a incidência de rompimento de vínculos afetivos durante a infância é significativamente elevada". O que corrobora com a importância dos vínculos afetivos para a saúde psíquica dos indivíduos.

O conceito de autonomia funcional de Allport, postula que o desenvolvimento de uma personalidade saudável, prediz a ausência de conflitos com a infância em adultos emocionalmente estáveis, a partir desta reflexão podemos dizer que uma infância vivida em um ambiente estável e facilitador, auxilia no desenvolvimento de indivíduos autônomos, livres para vivenciar suas escolhas inteiramente, e com menor risco de desenvolver uma psicopatologia grave. (SCHULTZ & SCHULTZ, 2011)

A função materna é descrita por muitos psicanalistas e psicólogos, como fundamental para o desenvolvimento infantil, por sua função estruturante, porém quando ocorrem falhas na formação desse vínculo, o oposto pode ser observado e ao invés de exercer um fator de estruturação psíquica, a mãe poderá se tornar um fator

de desestruturação na infância que consecutivamente atingirá a fase adulta. (ZIMERMAN, 1999).

As falhas na formação dos vínculos afetivos vão desde fixações em alguma fase do desenvolvimento, dificuldades de relacionamento social e em casos mais graves de rompimentos, seja por morte ou afastamento de um dos genitores ou ambos, podem ter como consequência uma psicopatologia. As ideias de FARIA, 2002 p.69 mostra que: “Quem permanecesse fixado no amor filial, por falta de assimilação de amores sucessivos, repetirá este modo de sentir em relação a outras pessoas, inclusive em relação ao cônjuge, e terá problemas de ordem emocional”.

Conforme BOWLBY, 1997, p.100 “Aqueles que padecem de distúrbios psiquiátricos [...] manifestam sempre deterioração da capacidade para estabelecer ou manter vínculos afetivos, uma deterioração que, com frequência, é grave e duradoura”. Pessoas que não conviveram na infância, com outras pessoas além dos genitores ou tiveram poucas relações afetivas significativas irão desenvolver uma base relacional depauperada, ou ainda que estabeleceram uma relação simbiótica com a mãe, podem encontrar dificuldades relacionais ao conviver em sociedade, sendo-lhes extenuante estabelecer novos vínculos afetivos.

Coadunam-se com essas reflexões BOWLBY, 1997, p.104 quando ressalta que “As indicações de que a perda de um dos pais por morte ocorre com frequência duas vezes maior num grupo de depressivos do que na população total”. O rompimento de um vínculo afetivo, poderá apresentar consequências graves na formação de personalidade do indivíduo, assim como nos casos de vínculos afetivos disfuncionais, porém causando mais prejuízos na funcionalidade do indivíduo.

Podemos compreender com base em que BOWLBY, 1997, p.114:

[...] as interrupções prolongadas ou repetidas do vínculo entre a mãe e o filho pequeno, durante os primeiros cinco anos de vida da criança, são especialmente frequentes em pacientes diagnosticados mais tarde como personalidades psicopáticas ou sociopáticas.

Entre os diversos problemas que a falha na formação de vínculos afetivos ou o seu total rompimento podem ocasionar, podemos destacar a depressão e personalidades psicóticas como as, de maior incidência na vida adulta, tendo como sintomas extremos respectivamente o suicídio e a delinquência. BOWLBY, 1997.

As ideias de PICHON-RIVIÈRI, 1991, p.31 mostram que:

O vínculo depressivo é o mais fácil de ser sentido e diagnosticado. No centro do vínculo depressivo encontra-se a aflição moral, a culpa e a expiação. É um vínculo que se caracteriza pelo fato de toda relação estar colocada no campo da culpa, na preocupação com o que o outro pensa e na maneira pela qual o outro irá lhe aplicar o castigo.

Podemos inferir com Pichon-Rivièri que, quando os conflitos da infância não são resolvidos na infância tendem a nos acompanhar por toda a vida, o resultado de uma vinculação que não estimula a livre expressão infantil, e a necessidade de aceitar as emoções, sejam elas negativas ou positivas, influenciaram incalculavelmente a formação da personalidade.

BOWLBY, 1997, p.101 nas suas palavras diz que:

O psicopata é uma pessoa que, embora não sendo psicótica ou mentalmente subnormal realiza persistentemente: atos contra a sociedade por exemplo, crimes, atos contra a família, [...], negligencia, crueldade, promiscuidade sexual ou perversão, a atos contra a própria pessoa por exemplo, toxicomania, suicídio ou tentativa de suicídio [...].

O psicopata, demonstra características próprias, a grande maioria possui a capacidade de cognitiva e pensamento preservados, porém são indivíduos com afetos confusos ou inexistentes, expressa por meio de atitudes e comportamentos o quanto seus afetos são falhos, não se importam se seus atos irão prejudicar, magoar ou mesmo colocar em risco sua própria vida ou de outros, são indivíduos que não possuem a capacidade de conviver harmonicamente em sociedade. Na opinião de BOWLBY, 1997, p.101:

Em tais pessoas, a capacidade para estabelecer e manter vínculos afetivos é sempre desordenada e, não raro, ausente. Apurou-se que frequentemente a infância de tais indivíduos foi seriamente perturbada pela morte, divórcio ou separação dos pais, ou por outros eventos que resultam na ruptura de vínculos afetivos [...]

A partir dessas reflexões, podemos propor que, os vínculos afetivos exercem um papel fundamental na construção da personalidade do indivíduo, pois a maneira como a vinculação afetiva foi realizada na infância, servirá como base para as interações sociais, influenciando também a saúde mental do adulto. Uma personalidade saudável, tem mais possibilidades de desenvolver-se quando na infância as necessidades de afeto e segurança são atendidas satisfatoriamente,

proporcionando assim a estruturação de um organismo adulto maduro, física e psicologicamente. (SCHULTZ & SCHULTZ, 2011).

2.2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de origem bibliográfica, objetivando a coleta de dados bibliográficos, obedecendo aos princípios éticos e legais previstos pela instituição acadêmica Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe e de acordo com os parâmetros do curso de Psicologia. Para a realização do trabalho foram levantados, dados qualitativos, retirados de bibliografias, que abordavam os temas pertinentes para a elaboração do presente trabalho.

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa do tipo bibliográfica, objetivando o levantamento do problema em estudo, abrangendo aspectos gerais sobre a importância dos vínculos afetivos para o desenvolvimento cognitivo e emocional na infância.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada para elaboração de um referencial teórico a partir de referências já existentes, onde as informações foram retiradas de fontes como livros, sites e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. As técnicas utilizadas neste trabalho para a coleta de dados estão embasadas na pesquisa bibliográfica que contém informações de diversos autores sobre o tema proposto: a importância dos vínculos afetivos para o desenvolvimento cognitivo e emocional na infância. Deste modo, levantando dados sobre o desenvolvimento emocional infantil, os processos de formação dos vínculos afetivos, a função da família e dos genitores na vinculação afetiva, e as consequências de falhas na formação de vínculos, com o intuito de demonstrar a importância dos mesmos para o desenvolvimento na infância, a análise de dados será apontada através de texto descritivo.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados foi alcançada com base no referencial teórico apresentado no trabalho, e sua confirmação será realizada através dos autores já citados. Após a efetivação do estudo teórico, foi possível reunir informações e dados para efetivar a análise qualitativa.

O respectivo trabalho encontra-se contextualizado sobre a importância do vínculo afetivo do desenvolvimento emocional e cognitivo na infância, o desenvolvimento emocional, os processos de vinculação afetiva, a função da família na formação dos vínculos, a importância da função materna e da função paterna, os vínculos afetivos e a ambivalência entre amor e ódio, as falhas na formação e manutenção dos vínculos afetivos, e as possíveis repercussões na vida adulta de uma formação de vínculos disfuncionais.

De acordo com as referências citadas no presente trabalho, os vínculos afetivos constituem um importante fator no desenvolvimento emocional e cognitivo tanto na infância quanto na vida adulta. Os vínculos afetivos possuem características próprias, diferenciando-se a partir da forma como cada indivíduo vivenciou o processo de formação dos vínculos. Nery (2003) postula que a afetividade funciona como motor de nossas condutas, seu papel é direcionar-nos e nos motivar para que possamos desempenhar nossos papéis sociais.

Com base na teoria do vínculo de Pichon-Rivièri (1991), podemos compreender que os vínculos afetivos se condicionam sempre em função de outros vínculos, que foram historicamente construídos, acumulando no indivíduo o que em psicanálise é denominado como inconsciente. Filósofos como Aristóteles e Rousseau, estudaram a formação da sociedade, durante a pesquisa, surgiu o questionamento acerca da importância da convivência em sociedade para a formação dos vínculos. Aristóteles em sua obra Política escrita há mais de 3000 anos, já postulava que o homem é um ser político e por natureza deve viver em sociedade, pois somente assim pode realizar suas potencialidades. Em Rousseau obtivemos premissas sobre o desenvolvimento do homem primitivo, e como os vínculos afetivos foram importantes para o desenvolvimento do homo sapiens e conseqüentemente da vida em sociedade.

A sociedade pode ser considerada uma grande estrutura, que contém em sua composição, estruturas menores, mais não menos importantes, nesse sentido a família seria a célula base, da formação de uma sociedade e conseqüentemente de seus indivíduos, a maneira como cada sociedade se organiza, diz muito a respeito de como as famílias daquele local vivem, se organizam e cuidam dos seus, a estrutura familiar irá influenciar na cultura social, que como em um ciclo influencia os membros da família, que novamente influenciaram a sociedade em que vivem, por esse motivo a cultura é mutável e mutável também são os seres humanos, porém cada tempo

agirá sobre as pessoas e seus comportamentos de maneira distinta, o que não muda no entanto é o poder familiar importância da família na formação dos vínculos afetivos.

A família é o primeiro ambiente social de qualquer indivíduo, nela recebemos as noções de convivência em sociedade, respeito e hombridade, tendo o dever de nos proteger de ameaças, e auxiliar o nosso pleno desenvolvimento, porém em algumas ocasiões isso não acontece, e a família deixa de exercer sua função de maneira adequada. Quando isso ocorre o desenvolvimento emocional na infância pode ficar seriamente comprometido, por é durante essa fase que são estabelecidas nossas bases relacionais futuras, ou seja o modo como iremos nos relacionar com as demais pessoas, para além do nosso círculo familiar.

Autores como Bowlby e o Winnicott, ressaltam a importância, das relações estabelecidas na infância, com ênfase para as primeiras experiências vivenciadas pela criança, nos primeiros meses de vida, principalmente a importância da existência de uma figura de ligação ou apego, com quem o bebê sinta-se seguro, e estabeleça seus primeiros vínculos afetivos. Bowlby (1991) postula que os comportamentos de ligação, irão variar dependendo, da idade, sexo e circunstância e também das experiências que o indivíduo teve com as figuras de ligação em seus primeiros anos de vida. O desenvolvimento emocional na infância deve contar com um ambiente favorável e com cuidadores capazes de atender as demandas físicas e emocionais do lactante.

Nesse sentido o papel da família é de extrema importância para o desenvolvimento emocional na infância, na opinião de Winnicott, quando o lar é suficientemente bom, ele é o melhor lugar para o desenvolvimento infantil, nele a criança aprenderá a confiar em si mesma e nos outros, foi Winnicott que cunhou o termo mãe suficientemente boa, que para ele trata-se da mãe capaz de se adaptar a todas as demandas do bebê, lhe proporcionando o que denominou de *Holding* (termo inglês, derivado do verbo *To Hold* – sustentar), na concepção de Winnicott, a mãe deve oferecer o “sustento” a criança em desenvolvimento, em todos os aspectos biopsicossociais, para que a criança alcance plenamente suas capacidades, oferecer holding, implica também em dar espaço para que a criança possa explorar o mundo a sua volta, sabendo que se algo der errado sua mãe está disponível para “sustenta-lo” quantas vezes forem necessárias, até encontre sua autonomia.

Historicamente foi atribuída a função materna, grande importância no desenvolvimento emocional e cognitivo na infância, Zimerman, traz como contribuição

ao tema da vinculação mãe e filho o termo mãe continente, que se assemelha em alguns pontos a mãe suficientemente boa de Winnicott, a função contente, consiste na capacidade materna de “conter” todas as angustias do lactente, sejam elas de ordem fisiológica ou psicológico, desenvolvendo com seu filho, um relação afetiva que auxilia no desenvolvimento e construção de confiança básica na criança.

A função paterna embora, não tão abordada na teoria da vinculação, possui função relevante no desenvolvimento infantil, a presença do pai, irá auxiliar na abertura da relação mãe-bebê, possibilitando que a criança vivencie, outras formas de ofertar e receber afeto, ampliado assim sua base relacional, e sendo o ensaio para a convivência social na infância, convivência que iniciará pela entrada do pai na relação, e posteriormente na convivência com outras pessoas da família, e amigos dos genitores.

O apoio ofertado a mãe ou a falta dele também, influenciaram na relação entre pai e filho, pois quando a esposa sente que o cônjuge não é digno de confiança por não lhe apoio nos cuidados com o filho, a criança poderá crescer com a representação que a mãe possui do pai, afastando-se dele e também não o concebendo como capaz de cuidar dele, aumentando a identificação com a mãe, o que pode levar a uma relação de simbiótica, que a longo prazo pode trazer prejuízos para a mãe e para a criança, se estendendo também durante a vida adulta.

O desenvolvimento dos vínculos afetivos implicará naturalmente na necessidade de conviver com a ambivalência entre os vínculos de amor e de ódio, conforme Zimmerman, os dois vínculos estão presentes em todas as pessoas em maior ou menor grau, sendo necessária no processo de vinculação a capacidade dos cuidadores de auxiliarem as crianças a reconhecerem e expressarem sua emoções de maneira saudável, permitindo que a própria criança aprenda a conviver com seu amor e seu ódio, que consigo conviver com a ambivalência entre estes vínculos, a não deixe-se consumir pela culpa por em algumas situações odiar seu objeto de amor.

O vínculo do amor, tem a função de regulador da psique, quando bem estabelecido, contribuirá para o desenvolvimento de uma personalidade confiante, e com uma boa capacidade de vinculação afetiva na vida adulta. O vínculo do ódio por sua vez, tem como uma de suas funções, nos auxiliar a conviver com a culpa, que é indispensável para a formação de uma psique saudável. Para Bowlby (1997) acumulam-se evidências que todos os seres humanos independentemente da idade,

são mais felizes e capazes de desenvolver seu talento, quando se sentem seguros, de que haverá pessoas que viram em seu auxílio caso encontre alguma dificuldade.

A formação dos vínculos afetivos, pode ser acometida por falhas na sua manutenção, ou mesmo pelo rompimento completo do vínculo, quando isso ocorre, nas palavras de Bowlby os vínculos afetivos podem ficar deteriorados por toda a vida do indivíduo, que não conseguirá vivenciar os afetos de maneira adequada e algumas vezes não será capaz de vincular-se afetivamente com ninguém. Pessoas que tiveram o processo de vinculação prejudicado na infância, tem uma maior probabilidade de desenvolver alguma psicopatologia na vida adulta, segundo estudos de Bowlby a correlação entre o rompimento, de vínculos afetivos na infância em pacientes que apresentaram na vida adulta depressão, psicopatia ou sociopáticas é duas vezes maior do que na população geral. O que nós podemos inferir a estrita ligação entre os vínculos afetivos e o bom funcionamento da psique.

As falhas na formação ou manutenção dos vínculos podem ser de diversas naturezas, mais normalmente estão relacionadas a figura materna ou a figura paterna, o rompimento destes vínculos, costumam deixar reminiscências durante toda a vida do indivíduo, muitas vezes os vínculos rompidos jamais serão recuperados, e por possuírem dificuldades relacionais e para estabelecer novos vínculos, esses indivíduos tem a passar toda a existência com uma vinculação afetiva depauperada ou completamente ausente.

Tendo como base as considerações dos autores citados acima, entende-se a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo na infância, uma vez que o estudo dos vínculos afetivos realizados por diversos autores demonstra, não somente a importância da formação dos vínculos afetivos, bem como as consequências que a falta dos mesmos, podem ocasionar não somente na infância mais na vida adulta.

Ao investigar a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, pode-se observar que sem eles, o indivíduo perde muito de suas características enquanto ser humano, como pessoas que vivem em sociedade, possuem uma família e estabelece relações sociais, o indivíduo cumpre com a função, de ser em sociedade, de conviver com seus pares, de realmente ter oportunidades para desenvolver suas potencialidades como membro da espécie humana. Porém ao ser privado de vínculos afetivos de qualidade, qualquer homem é apenas uma sombra do que realmente poderia vir a ser, deixa de vivenciar o sabor

das paixões, a cólera causada pelo ódio. O que restará de um indivíduo que não conhece a grandeza e as dificuldades de ser, que passa toda a sua existência sem nunca ter confiado verdadeiramente em alguém, ou o que é pior sem nunca ter conseguido confiar em si mesmo, sem dúvida está é uma forma de existência de fato dolorosa, que deve causar grande sofrimento e pesar, que possui suas bases na infância, como citado a cima, é na infância que construímos nossa base relacional, e encontramos a confiança básica, que servirá como a referência para o desenvolvimento de uma personalidade saudável, capaz de demonstrar autonomia e autoconfiança, de ajudar e receber ajuda quando necessário. Diante de todas essas considerações, pode-se dizer que, em síntese, a teoria do vínculo pode trazer grandes contribuições para a compreensão do desenvolvimento infantil.

3. CONCLUSÃO

A afetividade é um campo amplo e delicado, que a psicologia e o exercício da profissão nós permite conhecer, explorar e quando possível auxiliar aqueles que recorrem a nos, e encontra ou reencontra seus afetos, suas vivencias significativas. Ser psicólogo é estabelecer vínculos, com nossos pacientes ao auxilia-los a restabelecer vínculos dentre de em si, não é uma tarefa fácil, diria que por vezes se trata de um trabalho extenuante, porém a oportunidade de tocar outros mundos e vê-los em transformação, transforma o cansaço em dedicação, e vontade de aprender cada vez mais, para oferecer o melhor de nós, para que pessoas descubram o melhor delas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Emília Sousa. **A força do legado transgeracional numa família.** Revista Psicologia: Teoria e Prática – 2008, 10(2):215-230. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a17.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2018.

ARISTÓTELES. **Política.** São Paulo: Editora Martin Claret 2007.

BEE, Helen. **A criança em Desenvolvimento.** 7ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento.** 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

COSTA, Patrícia Ferreira de. RIBEIRO, Paulo de Carvalho. **O conceito de ambivalência sob a perspectiva da psicanálise winnicottiana.** Revista Natureza Humana, São Paulo, v.18, n.2, pp.123-159, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v18n2/v18n2a07.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

DALBEM, Juliana Xavier. DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento.** Arquivos brasileiros de psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005, retirado do World Wide Web <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v57n1/v57n1a03.pdf>. Acesso em 07 de agosto de 2018.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

D'ANDREA, Flavio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade: Enfoque psicodinâmico.** 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

FARIA, Anália Rodrigues. **O desenvolvimento da Criança e do Adolescente segundo Piaget.** 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

NERY, Maria da Penha. **Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas.** São Paulo: Editora Ágora, 2003.

PICHON-RIVIÉRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 4ªed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991.

OAKLANDER, Violet. **Descobrendo Crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. SCHNEIDER, Michele Scheffel. **Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?** Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1, pp. 25-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a04v26n1.pdf>. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.

SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 2ª ed. São Paulo: Cengage Learnign, 2011.

WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – Uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed,1999.

ZIMERMAN, David E. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento, na psicanalise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.